



Joaquim Pinheiro
Carmen Soares
(coords.)

PATRIMÓNIOS ALIMENTARES DE AQUÉM E ALÉM-MAR

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

EX MENSA EXITIUM¹: MORTE E IGNOMÍNIA
NOS ALIMENTOS OU NA PRIVAÇÃO DELES

Ex mensa exitium: death and ignominy in food or in its privation

MARIA CRISTINA DE SOUSA PIMENTEL
Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras
Centro de Estudos Clássicos
mpimentel1@campus.ul.pt

RESUMO: Este artigo debruça-se sobre a presença, e a função dessa presença, da alusão a alimentos ou ao momento em que se consumiam, na obra de Tácito, em especial os *Annales*. Observam-se circunstâncias como: consequências da abundância ou escassez de alimentos, em contexto urbano e militar; os alimentos usados para propaganda e manipulação política; os *sacra mensae* e o sacrilégio ou indignidade de determinados factos ocorridos em *conuiuia* ou simples refeições; o veneno (efectivo ou suposto) ministrado com a comida ou a bebida; o *conuiuium* enquanto ambiente propício a delatores e lugar de perdição para os incautos; a refeição como último acto de celebração da vida; a morte, voluntária ou forçada, por inanição.

PALAVRAS-CHAVE: Tácito; *Annales*; *Historiae*; *sacra mensae*; alimentação; manipulação política; repressão; delação; morte por inanição

ABSTRACT: This article focuses on the presence, and the function of this presence, of the reference to food or of the moment when food was consumed, in the work of Tacitus, especially the *Annales*. We observe circumstances such as: consequences of abundance or scarcity of food in urban and military contexts; food used for political propaganda and manipulation; the *sacra mensae* and the sacrilege or indignity of certain facts that occurred in *conuiuia* or simple meals; the poison (actual or alleged) administered with food or drink; the *conuiuium* as a favourable opportunity to delators and a place of perdition for the unwary; the meal as a last act of celebration of life; death, voluntary or forced, by starvation.

KEYWORDS: Tacitus; *Annales*; *Historiae*; *sacra mensae*; food; political manipulation; repression; delation; death by starvation

Como qualquer leitor atento de Tácito conclui, não é prática comum do historiógrafo deter-se em pormenores concretos que desenhem ou enri-

¹ A expressão consta em Tac. *Ann.* 15. 69.

queçam a descrição de um lugar², a definição de um tempo³, ou a nitidez de um traço fisionómico⁴. Em geral, Tácito narra os eventos ancorando-os num enquadramento que omite ou dispensa elementos ou pormenores materiais, a não ser quando tal menção serve especificamente os seus objectivos literários ou ideológicos⁵. No caso das referências a alimentos e ao momento em que são (ou não) consumidos, é possível perguntar: que valor acrescido trazem à narração essas indicações explícitas? Que intencionalidade nelas descortinamos, já que nada, em Tácito, é anódino ou desprovido de alcance?⁶

Como é sabido, uma das preocupações maiores em Roma era o abastecimento frumentário⁷. Tácito dá-nos conta desse constante cuidado, sublinhando as consequências que a escassez de alimentos podia causar em termos de instabilidade e descontentamento propícios a distúrbios ou insurreição⁸. Critica a má orientação governativa que levava a abandonar o cultivo de cereais na *Italia*, outrora deles tão fértil, para passar a depender das remessas do Egipto e do norte de África (*Ann.* 12. 43), sempre tão ameaçadas por naufrágios e catástrofes naturais. Não deixa, ainda, de avaliar em que medida o controlo do abastecimento alimentar à capital se podia transformar num instrumento de sedição, como quando regista as razões pelas quais Augusto determinara que senadores e *equites* de censo senatorial não pudessem entrar no Egipto sem sua autorização⁹.

Em outros passos, Tácito aponta acertadas decisões dos *principes* conducentes à manutenção da paz social, ameaçada pela escassez ou carestia dos alimentos, como as que tomou Tibério, no ano 19, fixando o preço dos cereais para evitar a especulação (*Ann.* 2. 87), ou as medidas excepcionais

² Sobre o significado simbólico e o uso, enquanto instrumento do patético, da referência explícita aos espaços em que se consuma a tragédia dos caídos em desgraça, v. Malissard 1991 e Pimentel 2009.

³ Sobre a especificação temporal de que um acontecimento tem lugar durante a noite, e o significado dessa referência, v. Pimentel 2006.

⁴ Sobre o aspecto secundário da descrição da aparência física das personagens em Tácito, v. Aubrion 1985: 439-440.

⁵ Galtier 2011: 117-118: «La référence à un élément concret ne contribue pas seulement à donner plus de vigueur ou d'expressivité à l'événement évoqué. Elle est presque toujours dotée d'une signification (...) L'élément concret peut ainsi apparaître, non plus comme un détail adjuvant, mais comme une pièce maîtresse de l'action en cours, au cœur de la dramatisation du récit».

⁶ A nossa análise incidirá sobre a obra maior de Tácito, os *Annales*, para tentar chegar a conclusões nesta linha de análise, ainda que recorra, pontualmente, às *Historiae*.

⁷ Tome-se como exemplo a generalização de *Hist.* 4. 38: *uolguis ... cui una ex re publica anno-nae cura*. Sobre o efeito produzido pelo facto de ser essa a informação com que "Tacitus begins his account of the consular year 70", v. Pomeroy 2012: 147.

⁸ Cf. *Ann.* 6. 13, sobre a instabilidade social motivada pela carestia da *annona* que põe Roma *iuxta seditionem*, à beira de uma insurreição.

⁹ *Ann.* 2. 59. Veja-se o que Vespasiano, chegado a Alexandria, trama como forma de pressionar os vitelianos: vergá-los pela fome, interrompendo o abastecimento de cereais à capital (*Hist.* 3. 48).

para minorar os efeitos de uma calamidade, como fez Nero ao baixar o preço do trigo após o incêndio que devastou Roma no ano 64¹⁰.

Outras vezes, Tácito desvenda sem rodeios o que quase sempre se escondia por trás da distribuição de alimentos, a saber, uma intenção de propaganda ou manipulação da opinião popular com favores e liberalidades. Assim revela ter acontecido aquando do *congiarium* distribuído em nome de Nero, no ano 51, em que uma já muito poderosa Agripina congemina e executa as manobras destinadas a promover o seu filho em detrimento de Britânico, filho biológico de Cláudio, e assim lhe abrir o caminho à sucessão imperial (*Ann.* 12. 41). Anos mais tarde, já imperador, é Nero quem, em espectacular gesto de propaganda política, manda deitar ao Tibre o trigo já adulterado pelo tempo que se distribuía à plebe a baixo preço (*Ann.* 15. 18), para manter a confiança num reabastecimento iminente, ao mesmo tempo que decide não aumentar o preço do trigo, exactamente após se terem perdido trezentos navios que o transportavam. Nero sabia que tinha de manter o povo iludido com uma aparência de segurança, ocultando assim os graves reverses de uma instabilidade externa crescente e ameaçadora. Com essas e outras benesses ia garantindo que a plebe romana não se revoltasse: a fome, é sabido, nunca é boa conselheira.

Deixemos agora a cidade e observemos as circunstâncias e a intencionalidade da menção dos alimentos em contexto militar. São vários os passos em que se sublinha a importância do abastecimento do exército¹¹ e se alude às medidas tomadas para que as tropas tenham o necessário para comer. O exército leva, à sua frente, *pabulantes* (*Ann.* 12. 38), pilha o que pode às populações e nos campos por onde vai passando (*Hist.* 1. 66), transporta consigo alimentos e animais (*Ann.* 13. 55), como fazem as legiões do general Corbulão que, em campanha contra a Arménia, se deslocam com camelos carregados de cereais (*Ann.* 15. 12). A importância dos alimentos vê-se, também, pelo facto de uma cidade sitiada só superar o cerco se estiver bem abastecida (*Ann.* 11. 8; 15. 4; 16): se, ao invés, nada tiver armazenado, transforma-se em presa fácil e logo capitula. O mesmo é válido para os sitiados, estrangidos a desistir do assédio se alguma circunstância adversa os priva de alimentos, como aconteceu aos Partos, quando cercavam Tigranocertos ocupada pelos Romanos e uma praga de gafanhotos devastou os campos em redor (*Ann.* 15. 5). A escassez de mantimentos é, sem dúvida, uma das principais razões de

¹⁰ *Ann.* 15. 39. Tácito, porém, não deixa de incluir a medida entre as que qualifica como *popularia*, e dá conta de que ela não surtiu o desejado efeito de apoio a Nero, pois entretanto se espalhou o *rumor* de que o *princeps* assistira, impávido, tocando e cantando, ao incêndio que alastrava e ia destruindo a *Vrbs*.

¹¹ *Hist.* 4. 35 resume, de forma lapidar, a importância do abastecimento regular para o exército: *Nihil aeque exercitus nostros quam egestas copiarum fatigabat*.

fazer recuar uma campanha militar (*Ann.* 12. 50) ou de a pôr em risco. No entanto, a situação contrária, a abundância de víveres e a possibilidade de os consumir sem freio, assume-se como circunstância geradora de indisciplina¹². Um exército que come e bebe em demasia é fácil de se derrotar¹³.

Tal como a paz social, em Roma, se garantia com a satisfação das necessidades básicas de alimentação, e os *congiaria* eram arma na mão dos *principes* para conquistar a *aura popularis*, assim também os donativos ao exército se destinavam em geral a mantê-lo leal e apoiante de quem detinha o poder. Tome-se como exemplo o que Nero fez depois de debelar a conjura de Pisão, quando concedeu, além do donativo pecuniário, o fornecimento gratuito do *frumentum* que até aí era descontado no salário dos soldados (*Ann.* 15. 71).

A referência aos alimentos em contexto militar serve ainda a Tácito para adensar o patético da situação em que se encontraram os soldados romanos na sequência de um grave revés sofrido na luta contra os Germanos liderados por Armínio. O historiógrafo foca o profundo abatimento das legiões após uma batalha adversa que só o fim do dia suspendeu. No local onde finalmente conseguem estacionar para passar a noite, pouco ou nada lhes resta para levantar o acampamento: nem utensílios, nem tendas, nem ligaduras para tratar os feridos. A esta enumeração crescente, que marca o completo desprovemento de recursos, opõe Tácito, em clímax patético¹⁴, a imagem dos soldados que, mergulhados nas trevas funestas da noite, partilham a comida: mas os alimentos estão ensopados de lama e sangue (*Ann.* 1. 65: *infectos caeno aut cruore cibos diuidentes*) e esse pormenor realça a mácula da derrota, o ínfimo degrau da dignidade que estão à beira de pisar. Em perspicaz contraste de verosimilhança psicológica, Tácito retoma o motivo da refeição partilhada entre os soldados, no dia seguinte: uma vez que a roda da fortuna começou a girar em benefício dos Romanos, e o combate travado nesse dia lhes foi muito mais favorável, já as feridas, ainda que mais numerosas, e a escassez de alimentos, que era a mesma (*Ann.* 1. 68. 5: *plus uulnerum, eadem ciborum egestas*), não os impedem de sentir forças renovadas e esperança na vitória.

¹² Ou de tomar atitudes que o põem em grave risco (*Hist.* 2. 21). Cf. *Hist.* 2. 76, sobre o efeito nefasto de *popinae* e *comissationes* sobre o *ardor* e a *ferocia* dos soldados.

¹³ *Ann.* 4. 48. O excesso de comida e de bebida, os constantes festins, começados muito antes de o dia tombar, e o usual estado de embriaguez de Vitélio fazem parte da caracterização muito negativa que Tácito lhe atribui de modo recorrente, desde as primeiras menções das *Historiae* (1. 62; 2. 31; 62; 68; 71; 87; 95), como que antecipando, pelo opróbrio em que a personagem mergulha, o seu fim inevitável e indigno.

¹⁴ Sobre o capítulo 65, diz Miller 2007: 188: “This whole chapter is written in a very fine style, with elaborate pictorial effects obtained by deliberately unco-ordinated structure, and with strong poetic colouring (...). Tacitus is deliberately heightening the emotional effect of the passage (...) and he gives us a fine piece of dramatic and descriptive writing, not merely a summary of facts”.

A intolerável indignidade a que, em situações bélicas adversas, os soldados podem ficar reduzidos traduz-se em outros passos pela referência aos alimentos que se viram na necessidade de comer, para sobreviverem. Foi o caso das legiões de Germânico, após um naufrágio em que quase todos pereceram: apenas se salvaram aqueles que se alimentaram da carne dos cavalos que com eles deram à costa (*Ann.* 2. 24: *corpora equorum*). A descrição desse tipo de situações limite, em que os soldados eram obrigados a partilhar uma comida que inevitavelmente lhes causava repugnância, mas lhes garantia a sobrevivência, volta a encontrar-se, nos *Annales*, quando Tácito regista que o exército de Corbulão, na campanha para a conquista da Arménia, teve de matar a fome *carne pecudum* (*Ann.* 14. 24), com a carne do gado que iam encontrando, por absoluta inófia de cereais, base de sustento a que estavam habituados e que reputavam como a mais saudável.

A partilha da comida, de dia, e das tendas, de noite, entre os soldados, é considerada como que um laço que os une, numa natural sacralidade que torna mais cruel e aberrante qualquer conflito que estale entre eles, que os divida e os ponha uns contra os outros (*Ann.* 1. 49). Essa sacralidade, que marcava a refeição tomada em conjunto, ou, de um modo mais amplo, o momento em que se consumiam alimentos, transparece de circunstâncias várias em que Tácito regista, a nosso ver com transparente intenção, que determinado acontecimento teve lugar num banquete, num festim, numa simples refeição.

Observemos alguns passos mais significativos. Acentua-se a indignidade de certos actos quando eles ocorrem durante convívios e banquetes, pois infringem-se aqueles que são os *sacra mensae*. A expressão surge duas vezes nos *Annales*. Na primeira (*Ann.* 13. 17), representa-se o envenenamento de Britânico, à frente de todos, num banquete presidido por Nero. Como é sabido, depois de uma tentativa de assassinio frustrada, também por veneno vertido em bebida que Britânico não assimilou (*Ann.* 13. 15), Nero exige um veneno mais forte e eficaz, que foi ministrado ao irmão adoptivo misturado na água fria que se juntou a uma bebida escaldante. O segundo passo, em que expressamente se alude aos *sacra mensae* e aos deuses que tornam inviolável o hóspede, respeita à conjura de Pisão. Alarmados com a possibilidade de traição por parte de uma liberta que fora presa e estava ao corrente do que se tramava - a corajosa Epícaris que, afinal, se revelou sublime *exemplum* de constância e lealdade e a nenhuma tortura cedeu - os conspiradores resolvem apressar o assassinio de Nero. Planeiam matá-lo em Baías, na *uilla* do próprio Pisão, onde o *princeps* ia muitas vezes, atraído pelos prazeres a que aí se podia entregar, entre eles os banhos e os banquetes (*Ann.* 15. 52. 1: *balneasque et epulas*), e onde se sentia tão à-vontade que dispensava os guardas da sua segurança pessoal. Pisão, todavia, recusou o plano, por não querer macular, com derramamento de sangue, a sacralidade da mesa e os deuses da hospitalidade, os Lares e os Penates (*Ann.* 15. 52; *sacra mensae*

diique hospitales). Esses eram valores que nem a necessidade de eliminar o mais cruel tirano justificava infringir.

Estes dois passos abrem-nos espaço para lermos muitos outros em que Tácito plasma a ignomínia acrescida das traições ou assassínios cometidos durante um banquete ou refeição. Começemos pela morte por envenenamento ministrado com a comida ou a bebida. Podemos resumir essa circunstância na expressão que chamámos ao título desta comunicação: *ex mensa exitium*, ou, ainda em palavras de Tácito, *uenenum inter epulas* (*Ann.* 13. 1).

É de todos sabido que, em Roma, entre os membros da família imperial e os que gravitavam na esfera do poder, era prática comum o envenenamento como forma de afastar alguém do caminho ou, também, de ajustar contas ou dar satisfação a ódios acumulados. Estas circunstâncias incluem a acusação de envenenadoras que amiúde recaía sobre as mulheres¹⁵, quantas vezes escondendo ou desvirtuando os verdadeiros motivos da acusação. Para perder uma mulher, nada tão eficaz como as duas acusações que melhor pareciam, na opinião comum, adequar-se-lhe: envenenadora e adúltera.

O veneno era, quase sempre, ministrado com a comida ou a bebida, facto que é de tal modo evidente que, por vezes, Tácito nem o explicita, limitando-se a falar de envenenamento a propósito de casos em que outras fontes desenvolvem a afirmação referindo o meio através do qual se instilou o veneno. Assim acontece no tocante a dois libertos de Cláudio, os em tempos poderosíssimos Doríforo e Palas, sobre os quais Tácito apenas regista: *libertorum potissimos ueneno interfecisse* (*Ann.* 14. 65), lendo-se todavia em Suetónio como foi ministrado o veneno, repartido entre a comida e a bebida¹⁶.

Nos *Annales*, é possível fazer uma lista, significativa pelo relevo dos nomes, dos que encontraram a morte por essa via: Germânico, sobrinho e filho adoptivo de Tibério, que Tácito sugere, primeiro com reserva imposta pelo rigor histórico, depois como certeza irrefragável, ter sido envenenado por Calpúrnio Pisão e sua mulher Plancina, senão a mando, pelo menos por sugestão inequívoca do imperador e decerto de sua mãe, Lívía (*Ann.* 2. 69: 3. 14); Druso, filho de Tibério, envenenado por um eunuco que o servia e em quem depositava plena confiança, a mando de Sejano e com a cumplicidade de Lívía, mulher de Druso e amante de Sejano (*Ann.* 4. 8); Cláudio, o imperador assassinado pela mulher, Agripina, que lhe propiciou, por intermédio do eunuco Haloto, servidor e provador da comida do *princeps*, um suculento *boletus* (*Ann.* 12. 66), o cogumelo em que se instilara o veneno; Júnio Silano, procônsul da *Asia*, durante um festim, às escâncaras, por acção directa do

¹⁵ V. e.g. *Ann.* 3. 23, o caso de Lépida. Sobre o estereótipo da mulher adúltera e, em particular, a 'retórica do veneno' nos *Annales*, v. Santoro L'Hoir (2006) 158-195.

¹⁶ Suet. *Nero* 35: *ueneno partim cibis partim potionibus indito*.

cavaleiro P. Célere e do liberto Hélio, mas a mando de Agripina, que o temia por razões pessoais e políticas (*Ann.* 13. 1), e para cujo assassinio, segundo Díon (61. 6. 4), ela expediu parte do veneno que lhe sobrava do cogumelo fatal preparado para a gula de Cláudio; os já referidos libertos de Cláudio, Doríforo e Palas (*Ann.* 14. 65); talvez até os netos e indigitados herdeiros de Augusto, Gaio e Lúcio César, por maquinações de Lúvia (*Ann.* 1. 3; 3. 19)...

A prática do envenenamento durante uma refeição não se restringia, porém, aos grandes de Roma. Disso é exemplo o modo como, na corte parta, as intrigas e a luta pelo poder levam à morte do influente eunuco Abdo, atraído traiçoeiramente a um banquete, a pretexto de uma suposta reconciliação amistosa (*Ann.* 4. 32: *specie amicitiae*), para aí ser envenenado. Tal comportamento, lembre-se o paralelo, não anda longe do modo como Nero atraiu a mãe à armadilha que lhe preparara: para a trazer ao encontro que lhe foi fatal, Nero simulou a reconciliação com Agripina, convidando-a *ad epulas* (*Ann.* 14. 4), em Baías. A referência a essa circunstância intensifica, sem dúvida, o carácter nefando do crime que Nero perpetrrou.

O envenenamento pela comida era de tal modo comum que Tácito nos sugere o medo e a desconfiança que muitas personagens sentiam e os levavam a tomar as precauções possíveis. Agripina tomava há muito antídotos contra eventuais venenos que lhe ministrassem (*Ann.* 14. 3): essa foi uma das razões que levou Nero a pôr de parte um primeiro plano para assassinar a mãe, juntamente com a certeza de que o crime se tornaria evidente aos olhos de todos se ele repetisse, à sua própria mesa, o que fizera com Britânico. Séneca, dando seguimento à parcimónia alimentar com que pautara toda a sua vida, toma especial cautela após o afastamento da corte, em 62, contra um possível envenenamento, que receava (*Ann.* 15. 45): vivia na maior frugalidade (*persimplici uictu*), comia frutos selvagens (*agrestibus pomis*) e, para matar a sede, nada mais bebia que água da nascente (*profluente aqua*)¹⁷.

Essa desconfiança constante, de tudo e de todos, em particular quando é o ódio ou a luta pelo poder que estão em campo, pode ser aproveitada para lançar a dúvida sobre a lealdade de alguém, com o conseqüente proveito para quem espalha ou incute essa suspeita. Para ferir de desconfiança a relação entre Tibério e o filho, Druso, que Sejano queria afastar do seu caminho, o prefeito do pretório teria maquinado, entre outras indignidades, espalhar o boato de que Druso queria envenenar o imperador, e intrigou para que este

¹⁷ De facto, segundo Tácito, um dos libertos de Séneca, Cleonico, a mando de Nero, preparou veneno para ministrar ao filósofo. Se ele não morreu, tal deveu-se à revelação do próprio liberto, ou ao regime alimentar de grande sobriedade que adoptara. O próprio Séneca refere a frugalidade em que vivia, após ter-se retirado da vida pública, quando fala a Lucílio do *panis ... siccus et sine mensa prandium* (*Ep.* 83. 6), o pão seco comido em pé, ou lhe fala da moderação alimentar que procura manter (*Ep.* 108. 16).

fosse avisado de que não devia aceitar a primeira bebida que lhe seria servida numa refeição dada pelo filho. Tibério terá acreditado e, na ocasião, passou de volta a Druso a taça que lhe deram. Inocente, este bebeu-a de um trago, gesto que, perante uma certa opinião pública que se queria manobrar contra Druso, terá sido interpretada como manifestação inequívoca da vergonha de ter sido descoberto o tentado parricídio, ignomínia a que ele remediava pondo fim à vida¹⁸.

Mais elaborado para o desenho do clima de desconfiança, inimizade e traição vivido na corte imperial júlio-cláudia é um quadro¹⁹ em que Tácito põe frente a frente Tibério e Agripina *Maior*. Uma vez mais, é Sejano quem actua na sombra, para abater a viúva de Germânico e a sua descendência²⁰. Faz chegar aos ouvidos de Agripina, por intermédio de falsos amigos, que Tibério se preparava para a envenenar e que, por isso, devia estar de sobreaviso em todas as refeições tomadas à mesa do *princeps*. Agripina, fazendo jus a um dos traços mais arraigados do seu carácter, o da incapacidade de dissimular sentimentos (*Ann.* 4. 54: *simulationum nescia*), mantinha-se em silêncio, sem tocar num único alimento (*nullos attingere cibos*), até ao momento em que Tibério, desconfiado por natureza, sempre hostil à nora e decerto também instigado pelo mesmo Sejano, a pôs à prova, oferecendo-lhe por sua própria mão uns frutos acabados de trazer para a mesa. Agripina, não conseguindo comer tais *poma* e devolvendo-os intactos aos escravos, denunciou o seu medo. Logo Tibério, sem lhe dirigir palavra, se justificou perante Lúvia de que era natural que usasse de severidade contra quem assim o acusava de envenenamento. Agripina acabara de consumir a sua perda, há muito traçada²¹.

A quebra sacrílega do respeito que é devido ao hóspede e aos *sacra mensae* não se restringe a esses momentos em que se assassina pelo veneno presente nos alimentos ou se atrai alguém a um *convivium* para lhe dar imediata e cruel morte. Tácito retrata, também, a indignidade de todos aqueles que

¹⁸ *Ann.* 4. 10. Note-se que Tácito introduz, nos capítulos 10 e 11 deste livro, um excuro sobre este episódio, que qualifica como *rumor* e rebate, mostrando que esta versão que se divulgou não tinha lógica nem sentido. Ainda assim, enquanto significativo de um modo de agir de Sejano, regista-o. Para a análise deste excuro, v. Martin-Woodman 2006: 123-132.

¹⁹ *Ann.* 4. 54. Segundo Martin-Woodman 2006: 215, “Sejanus’ false suggestion that Tib. intended to poison his daughter-in-law (...) is the counterpart of the false rumour at 10.2-3 that he manœuvred Tib. into poisoning his son”.

²⁰ Sobre o episódio, inserido num conjunto de outros em que a figura de Sejano é vista como “an especially privileged reader of the princeps”, v. O’Gorman 2000: 89 ss.

²¹ Cabe aqui dizer que a presença à mesa do *princeps* pode ser sinal de favor, do mesmo modo que ser afastado desse convívio é prenúncio de desgraça. Veja-se o caso de Sexto Vistílio, privado dessa convivialidade (*Ann.* 6. 9). Por outro lado, o facto de Libão Druso ter continuado a ser convidado para comer com Tibério, que simulava o favor intacto em que o teria enquanto ia urdindo os fios da sua perdição, salienta um dos traços mais funestos do carácter do imperador, a *dissimulatio* (*Ann.* 2. 28).

encontravam nos festins o ambiente ideal para tramar ou executar a perdição de alguém. O calor da refeição e do vinho, o ambiente de partilha e de suposta convivialidade propiciavam condições para a criação de um clima de confiança que levava muitos a dizerem o que não deviam, palavras, opiniões ou mesmo poemas que logo algum dos presentes reportava ao imperador. Tácito denuncia, assim, a tenebrosa actividade dos delatores, oriundos de todos os estratos, infiltrados em todas as casas e ruas, ouvido à escuta, atentos ao momento de apanhar mais uma presa e arrecadar recompensas. O leitor dos *Annales* assiste, guiado por Tácito, a uma escalada da prática da delação, mesmo, ou sobretudo, entre os senadores, particularmente indigna e desenfreada em finais do principado de Tibério, quando ninguém estava seguro, nem sequer *in foro* ou *in conuiuio* (*Ann.* 6. 7). A mais simples palavra podia ser pretexto para denúncia e motivo de incriminação. A circunstância ilustra-se, por exemplo, com o caso do pretor Antístio Sosiano que, num banquete, supondo-se entre amigos e, portanto, seguro de impunidade, divulgou uns *probrosa carmina*, de sua autoria, contra Nero. Ora, entre os muitos convidados, alguém o delatou e, por isso, o pretor foi acusado de *maiestas* (*Ann.* 14. 48).

O ambiente de banquetes e festins pode também promover o cair das máscaras, revelando a verdadeira face e as reais intenções de alguém. Comida, vinho, convívio, soltam a língua e deixam transparecer sentimentos até aí mais ou menos dissimulados. É num *conuiuium* que Calpúrnio Pisão extravasa o seu ódio contra Germânico (*Ann.* 2. 57), tal como é num festim que o mesmo Pisão e sua mulher espelham, aos olhos de numerosos convidados, a alegria pela sua morte (*Ann.* 3. 9), facilmente interpretada como júbilo por um crime bem sucedido. É num banquete que Cota Messalino se sente autorizado a insultar Calígula e a memória de Lívia, levando os que o odiavam a agarrar o pretexto para o comprometer junto de Tibério²².

O risco de perdição não advinha apenas de se proferirem palavras impensadas ou insultuosas que alguém malevolamente denunciava. Em certos passos, Tácito mostra que bastava estar presente nos *conuiuia* em que tal acontecia, fazer parte do número dos convidados, para se correr perigo: na vaga de execuções que se seguiram à conjura de Pisão, multiplicaram-se aqueles que foram presos, interrogados e quase sempre assassinados apenas porque haviam conversado, assistido a um mesmo espectáculo ou participado no mesmo banquete que os principais implicados (*Ann.* 15. 58).

O enquadramento de um *conuiuium* pode também ser o ambiente propício à indução dos mais nefandos actos, como o historiógrafo Clúvio Rufo,

²² *Ann.* 6. 5. Tibério, porém, tendo em vista a amizade que os ligava e os favores que devia a Messalino, não deu seguimento ao processo e recomendou que conversas à mesa, sem maldade, mas intencionalmente distorcidas, não fossem transformadas *in crimen*.

citado por Tácito, disse que Agripina fazia, insinuando-se à intimidade sexual incestuosa com Nero quando ele já estava alterado *per uinum et epulas* (*Ann.* 14. 2). Esses momentos de menor discernimento, em que o ventre cheio e o calor do vinho diminuem o apuro do raciocínio e fazem ver o mundo com olhos mais permissivos, são também aqueles em que os libertos de Cláudio descortinam o perigo de uma inevitável mudança de decisão do *princeps* relativamente ao destino a dar a Messalina. Convencido enfim do opróbrio do comportamento da mulher e assinada a ordem de execução, uma *cena* copiosa flecte-lhe o rigor, fá-lo hesitar, preso, ainda, ao amor que lhe tinha, já disposto a ouvi-la no dia seguinte: e decerto lhe teria perdoado, se os libertos não tivessem agido de imediato mandando executar a ordem (*Ann.* 11. 37).

Toda e qualquer violência perpetrada durante uma refeição acentua a tragédia das vítimas da tirania imperial. Surpreendidas no momento da celebração da vida ou da sua simples e natural manutenção pelo consumo de alimentos, para essas vítimas a crueldade e a prepotência transformam-se em sacrilégio: a morte intromete-se no ciclo do quotidiano, interrompe brutalmente a vida, agride o que há de mais comum no dia-a-dia dos homens.

Tome-se o exemplo de Cornélio Sula, alvo das intrigas do prefeito do pretório Tigelino, que acicata Nero a temê-lo como eventual e apoiado candidato a substituí-lo no poder. Exilado na Gália Narbonense, Sula é aí sumariamente executado, no momento em que se preparava para a refeição (*Ann.* 14. 57: *cum epulandi causa discumberet*). A notação de Tácito cumpre, em minha opinião, uma dupla função: por um lado, mostra que nada transpirou das intenções de Nero, tudo se executou em segredo e com a maior rapidez; mas, acima de tudo, o historiógrafo acentua a transgressão moral de um assassinio cometido contra alguém surpreendido no ritual do quotidiano, quando se preparava para comer. Parece-me não estarmos muito longe de um tabu, no seu significado de interdição religiosa quanto a determinado comportamento, sinal de grave infracção. O espaço da refeição é sagrado e nada o pode macular. Nessa perspectiva, não parece estranho que se possa interpretar como presságio adverso (para Nero) o facto de os alimentos que, em dado momento, ele comia, terem sido fulminados por um raio (*Ann.* 13. 22): os deuses apontam-no como votado à desgraça, num sinal de violência que lhe atinge a refeição.

Também Séneca foi surpreendido pelo tribuno enviado por Nero para averiguar do seu eventual envolvimento na conjura no momento em que, ao cair da noite, ceava na companhia da mulher e de dois dos seus amigos (*Ann.* 15. 60). Tácito realça, igualmente aqui, a intromissão abrupta da tirania nos gestos costumeiros do quotidiano; sublinha, ainda, o contraste entre a serenidade do *sapiens* e a intempestiva crueldade do *princeps*; denuncia, por fim, o desrespeito da sacralidade da mesa, já que a pergunta que o tribuno traz mais não é do que um pró-forma, verdadeira antecâmara da condenação e, portanto, da morte.

Foi também esse o caso do cônsul Vestino, na sequência da conjura de Pisão, quando Nero encontra pretexto para matar, além dos implicados, alguns alvos do seu ódio. O *princeps* esperava que ele estivesse envolvido na conspiração, mas, não sendo ele acusado por ninguém, mata-o, simplesmente. A casa do cônsul é invadida pelos soldados, Vestino está no meio de um *convivium*, duvidando Tácito se o fazia *nihil metuens an dissimulando metu* (*Ann.* 15. 69. 2), isto é, ou, completamente inadvertido, Vestino segue a rotina quotidiana, ele que nesse mesmo dia cumprira todas as funções que lhe cabiam como cônsul, ou procura iludir o medo com uma aparente normalidade. Ainda assim, o que Tácito salienta é o facto de ele ser interpelado pelos soldados, de se levantar do banquete sem tardar (*nihil demoratus, exurgit*) e de tudo se passar de repente e com grande ignomínia, por parte dos executores, mas coragem e serenidade da parte de Vestino (*nulla edita uoce, qua semet miseraretur*)²³.

Nos episódios que acabámos de evocar, a refeição é o último acto da vida, neste caso interrompida abruptamente pela violência alheia. Ora, ao invés, a circunstância de uma última refeição que se toma antes da morte que se espera ou se aceita, pode evocar precisamente a grandeza daqueles que são capazes de enfrentar a morte de modo digno, integrando-a, na medida do possível, na normalidade da vida. É como se, num último gesto, se desse *exemplum* de *constantia* e se cumprisse o cerimonial da despedida da vida, saboreando-lhe uma derradeira gota²⁴.

Supremo exemplo dessa serenidade, de contornos estoicos, deu-o Valério Asiático, cuja perda Messalina urdiu. Aconselhado pelos amigos a conseguir uma morte suave privando-se de alimentos, recusou e, no seu último dia, antes de cortar as veias, entregou-se aos exercícios físicos habituais, ao banho quente e à refeição alegremente tomada (*Ann.* 11. 3: *hilare epulatus*). Tanta foi a sua *securitas* no acolher da morte que, num sublime instantâneo, Tácito no-lo mostra mandando mudar o local onde se preparava a sua pira fúnebre, para que o calor das chamas não prejudicasse as árvores.

Também Flávio Cevino, na véspera do dia marcado para assassinar Nero, revela, em sua casa, nos gestos e preparativos em que se ocupa, que encara a hipótese de que algo não corra bem: entre esses gestos, que incluem o selar do testamento e a manumissão ou recompensa dos escravos mais próximos, há um que assume o recorte de celebração da vida no vestíbulo da morte:

²³ Quanto aos convivas de Vestino, guardados à vista pelos soldados, só foram libertados de madrugada. Nero, imaginando o terror que sentiram ao saírem da mesa (*ex mensa exitium*), põe a ridículo esse medo e diz que tal suplício já era suficiente expiação por serem partícipes do banquete do cônsul. Para um outro banquete que acabou em terror para todos os presentes, v. *Hist.* 1. 81.

²⁴ Em alguns casos, todavia, essa refeição última não traz nenhum conforto, nenhuma pacificação, como aconteceu com Libão Druso (*Ann.* 2. 31: *in nouissimam uoluptatem ... epulis excruciatum*).

adfluentius solito conuiuuium (*Ann.* 15. 54), uma refeição mais copiosa que o usual. Todos esse sinais foram interpretados, certa e perfidamente, por um dos seus libertos, e aí teve origem, na pronta denúncia feita a Nero, o insucesso da conjura de Pisão.

Por fim, também Petrônio, no momento do suicídio, evidenciou, em tons mais marcadamente epicuristas, a serenidade perante a morte, tomando, antes de dormir, a sua refeição como em qualquer outro dia (*Ann.* 16. 19: *Iniit epulas*).

A morte que, como vimos há pouco, Valério Asiático recusou escolher, a que sobrevinha por inanição, *mors uoluntaria* que substituía ou se adiantava à execução e deixava margem para que não fosse confiscada a totalidade dos bens, interessa, numa espécie de grau zero, ao tema que aqui nos ocupa, a alimentação, uma vez que liga a violência da morte à ausência, voluntária ou forçada, de comida. Voluntária é a abstenção de alimentos por parte do historiador Cremúcio Cordo, defensor da liberdade perdida com o principado, caído em desgraça no tempo de Tibério (*Ann.* 4. 35). Voluntária é também a decisão de assim morrer por parte de Cocceio Nerva, avô do futuro imperador, embora nada de concreto o ameaçasse no momento, apenas porque queria garantir um fim digno em tempos de tão fundo opróbrio, que tanto o desgostavam²⁵. Morreu Agripina *Maior* por inanição, não é certo se voluntária, se imposta²⁶, após os longos anos em que ela e toda a sua descendência enfrentaram - com grande altivez e *ferocia* por parte dela - a perseguição de Tibério, de Lívía, de Sejano.

Ora, é justamente com a morte do segundo filho de Agripina e Germânico, Druso, que termino esta reflexão sobre a presença, e a função dessa presença, nos *Annales* de Tácito, da alusão a alimentos ou ao momento em que convivialmente se consumiam. Porque é com Druso que podemos observar o grau sublime da historiografia trágica em que Tácito se afirmou como expoente maior. O leitor, que foi sendo informado do carácter truculento e, às vezes, até traiçoeiro e oportunista de Druso, foi também assistindo ao tecer das armadilhas que o irão aniquilar. Espiado anos a fio nos mais pequenos gestos e palavras, preso há anos, chega o momento da *suprema necessitas* em que o vemos, inerte, abandonado de todos, encarcerado no subsolo do Palatino, onde resiste durante nove dias à privação de alimentos, numa agonia tão aflitiva que o leva, agarrando-se à vida, a implorar, *frustra*, ao centurião e aos

²⁵ *Ann.* 4. 26. Uma imensa dor pode matar por dentro uma pessoa: Antístia Polita, a quem Nero arrancou o marido, cujo cadáver decapitado ela teve em seus braços, mantém-se viva (talvez pelos filhos e o pai, talvez na ténue esperança de vingança) comendo o mínimo indispensável (*Ann.* 16. 10: *nec ullis alimentis nisi quae mortem arcerent*).

²⁶ *Ann.* 6. 25. A mesma dúvida deixa Tácito pairar sobre a morte de Asínio Galo, morto certamente (*haud dubium*) por inanição, mas *sponte uel necessitate incertum* (*Ann.* 6. 23).

escravos que o guardavam e maltratavam, *extrema uitae alimenta* (Ann. 6. 24), e, por fim, a comer o enchimento da enxerga que lhe servia de leite (Ann. 6. 23: *miserandis alimentis, mandendo e cubili tomento*). Este quadro, com a atenção ao pormenor material do *tomentum*, o enchimento decerto de palha, atenção que, como disse a princípio, é rara - mas sempre intencional - em Tácito, transforma Druso em vítima, redime-o e coloca-o no centro de uma tragédia que enche de compaixão o leitor, ao mesmo tempo que sublinha a suprema ignomínia a que a prepotência imperial podia submeter um ser humano. Amplia-se, enfim, o retrato da crueldade de Tibério, avô de Druso, capaz de manter o neto preso nas masmorras do seu esplendoroso Palácio, capaz de o condenar à degradação de ter de implorar um pouco de comida e de, rastejando como se fora um animal, ter de comer o que um estômago humano não tolera.

BIBLIOGRAFIA

- Aubrion, É. (1985), *Rhétorique et histoire chez Tacite*, Université, Metz.
- Galtier, F. (2011), *L'image tragique de l'Histoire chez Tacite. Étude des schèmes tragiques dans les Histoires et les Annales*, Latomus, Bruxelles.
- Malissard, A. (1991), "Le décor dans les *Histoires* et les *Annales*. Du stéréotype à l'intention signifiante" in *ANRW* II. 33. 4, 2832-2877.
- Martin, R. H. - Woodman, A. J. (2006, 6ª ed.), *Tacitus. Annals Book IV*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Miller, N. P. (2007), *Tacitus. Annals Book I*, Bristol Classical Press, London.
- O'Gorman, E. (2000), *Irony and misreading in the Annals of Tacitus*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Pimentel, M. C. (2006), "A noite e as trevas na obra de Tácito" in M. F. Reis (coord.), *Rumos e Escrita da História. Estudos em Homenagem a A. A. Marques de Almeida*, Colibri, Lisboa 487-506.
- Pimentel, M. C. (2009), "Espaços da Morte na Historiografia de Tácito", in F. Oliveira, C. Teixeira, P. B. Dias (coords.), *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*. Vol. I. APEC-CECH, Coimbra, 255-263.
- Pomeroy, A. (2012), "Tacitus and Roman Historiography" in V. E. Pagán (ed.), *A companion to Tacitus*, Wiley-Blackwell, Malden, MA; Oxford; Chichester.
- Santoro L'Hoir, F. (2006), *Tragedy, Rhetoric, and the Historiography of Tacitus' Annales*, University of Michigan Press, Ann Arbor.